

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

GABRIEL WELLINGTON NUNES NOBRE

**MEMÓRIAS FAVELADAS: AS NARRATIVAS DE CLEONICE E MARILENE
SOBRE SI E SEUS TERRITÓRIOS**

RIO DE JANEIRO

2022

GABRIEL WELLINGTON NUNES NOBRE

**MEMÓRIAS FAVELADAS: AS NARRATIVAS DE CLEONICE E MARILENE
SOBRE SI E SEUS TERRITÓRIOS**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Serviço Social da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do grau de
bacharel em Serviço Social. Orientadora: Dr.^a
Mirella Rocha**

RIO DE JANEIRO

2022

Dedico este trabalho à comunidade que me compõe como Ser e à força feminina que sempre me ensinou, me inspirou e me acompanhou nessa existência, em especial à Vó Zely, à Tia Virgínia e à minha mãe Adriana.

Agradecimentos

“À Deus eu agradeço e a toda natureza...”

Ter chegado até aqui é uma vitória coletiva, por isso agradeço à minha família que sempre esteve comigo, me cuidando e me incentivando, com muito amor e carinho. Agradeço em especial aos meus pais, Adriana e Wellington, por serem minha referência e meu paraíso aqui na Terra. E à minha tia Virgínia pela companhia e amor durante todos esses anos e por todo o cuidado comigo!

Agradeço aos amigos, irmãos e irmãs que fiz e ainda vou fazer nessa Terra, por serem as minhas estrelas nesse mundo de ilusão. Por cada um que é meu espelho e me faz aprender sobre mim mesmo e sobre a vida.

Agradeço também à cada um que fortaleceu esse ciclo de formação, acadêmica e humana, durante a minha graduação, na Escola de Serviço Social da UFRJ, no Dicionário de Favelas Marielle Franco e também na experiência de estágio, pesquisa e extensão com a professora Miriam Krenzinger.

Ao Dicionário e toda nossa equipe, projeto coletivo fundamental na minha formação, faço um agradecimento especial em nome de três mulheres que me ensinaram e me inspiraram: à professora Sonia Fleury, pelas broncas, o afeto e por me inspirar à excelência; à Pallomita, por representar o modelo de professor que quero ser para os meus alunos; e pela Cléo, pelas preciosas memórias partilhadas e por ser essa aprendiz que me ensina tanto!

Agradeço ao meu Céu do Mar por ser minha Casa e minha comunidade tão querida! Fonte de paz e harmonia nessa vida. Em especial, agradeço à minha madrinha Denise Franco, zeladora e guardiã, em quem eu me enxergo tanto. Ao Mestre Irineu e ao Padrinho Sebastião, “sem palavras Vos agradeço: In, in, in, in, in, in...”.

E à Vida, que pulsa no meu Ser e em todo Universo, muchas gracias!

Olhar o nosso passado permite que enxerguemos com maior clareza e sentido o nosso presente. É a partir da consciência de onde viemos que podemos caminhar com mais firmeza e segurança e decidir para onde queremos ir. No tesouro das memórias, conhecemos os seres e personagens que compõem a nossa ancestralidade, entramos em contato com os mitos, as lutas e os lutos da nossa história, e desse lugar regressamos não mais sozinhos, mas fortalecidos pela comunidade. É preciso mergulhar nas águas profundas da nossa história para revelar o sujeito coletivo que habita em nós, muito mais bonito e potente. Pra essa viagem transformadora não precisa de dinheiro, ela é feita ao redor de uma fogueira simples ou de uma mesa farta, com os nossos mais velhos, as nossas crianças e os nossos camaradas.

Gabriel Nunes, 20/07/2022

RESUMO

NUNES, Gabriel Wellington. Memórias faveladas: as narrativas de Cleonice e Marilene sobre si e seus territórios. Rio de Janeiro, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este trabalho se debruça sobre as memórias de duas mulheres de favela sobre suas trajetórias de vida, Cleonice e Marilene. Suas narrativas, publicadas originalmente pela plataforma virtual e pública Dicionário de Favelas Marielle Franco, são analisadas através de diferentes momentos, como a chegada nas suas comunidades, a relação com o território e seus vizinhos e a participação em movimentos sociais e culturais. A partir disso, é possível notar que o discurso dessas mulheres, no lugar de sujeito narrador e não de sujeito objeto, traz uma perspectiva contra hegemônica que se opõe à imagem estigmatizante e negativa que historicamente se construiu sobre as favelas e periferias. Através da oralidade, que se constitui como resistência contra o epistemicídio, que nega a condição de intelectualidade para as populações faveladas, surgem saberes oriundos da vivência na vida comunitária e um sujeito coletivo que só encontra sentido através do outro. Dessa forma, a escolha de narrativas femininas e faveladas é uma opção política por fortalecer memórias e saberes populares que revelam novas formas de ser e pensar o mundo.

Palavras-chaves: memória; oralidade; favela; mulheres; saberes populares.

ABSTRACT

Nunes, Gabriel Wellington. Memories from favelas: Cleonice e Marilene's narratives about herself and her territories. Rio de Janeiro, 2022. Course Completion Work (Bachelor of Social Work) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This work focuses on the memories of two favela women about their life trajectories, Cleonice and Marilene. Their narratives, originally published by the virtual and public platform Dicionário de Favelas Marielle Franco, are analyzed through different moments, such as their arrival in their communities, their relationship with the territory and their neighbors and their participation in social and cultural movements. From this, it is possible to notice that the discourse of these women, in place of the narrator subject and not the object subject, brings a counter-hegemonic perspective that opposes the stigmatizing and negative image that has historically been built on the favelas and peripheries. Through orality, which constitutes a resistance against epistemicide, which denies the condition of intellectuality for the favela populations, knowledge arises from the experience in community life and a collective subject that only finds meaning through the other. In this way, the choice of female and favela narratives is a political option for strengthening popular memories and knowledge that reveal new ways of being and thinking about the world.

Keywords: memory; orality; shanty town; women; popular knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cidade de Deus nos anos 1960	33
Figura 2 - Crianças na frente de uma palafita	36
Figura 3 - Cena do documentário “Domínio Público”	37
Figura 4 - Marilene Nunes em frente à Biblioteca Elias José	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EPISTEMICÍDIO QUE SUBALTERNIZA E ORALIDADE QUE RESISTE	13
2.1 EPISTEMICÍDIO E SUBALTERNIZAÇÃO DE SABERES NEGROS, FEMININOS E PERIFÉRICOS	13
2.2 MEMÓRIA SOCIAL, ORALIDADE E RESISTÊNCIA	17
3 DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO	22
3.1 O PROJETO: HISTÓRIA E LEGADO	22
CAP 4 - MEMÓRIA SOCIAL E ORALIDADE: POTÊNCIAS FEMININAS PERIFÉRICAS	31
4.1 DOS TERRITÓRIOS: CIDADE DE DEUS E MARÉ	31
4.2 CLEONICE E MARILENE	36
4.3 A VIDA EM COMUNIDADE: É NO OUTRO QUE A GENTE SE ENCONTRA	41
CONCLUSÃO	45

1 INTRODUÇÃO

As favelas, e conseqüentemente seus moradores, foram historicamente representadas a partir de marcadores negativos, como a carência, a pobreza e a violência, sendo definidas a partir do que não seria ou pelo que não teria (OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS, 2009, p. 16). Essas representações alimentaram narrativas preconceituosas sobre as favelas que não levavam em conta as vozes dos próprios moradores, sendo reproduzidas por veículos de comunicação tradicionais, através de filmes, jornais e outras produções, ajudando a criar estigmas sobre as populações faveladas.

Segundo o Observatório das Favelas, as favelas:

constituem moradas singulares no conjunto da cidade, compondo o tecido urbano, estando, portanto, integrado a este, sendo, todavia, tipos de ocupação que não seguem aqueles padrões hegemônicos que o Estado e o mercado definem como sendo o modelo de ocupação e uso do solo nas cidades (OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS, 2009, p. 21).

As favelas são espaços diversos e heterogêneos, que possuem redes de solidariedade, movimentos artísticos e culturais, lutas políticas e expressões religiosas, mas esses elementos foram ao longo da história suprimidos das narrativas produzidas sobre esses locais. Quando os moradores e suas memórias são ouvidas, emerge uma outra noção de favela, diferente do que habitou-se a contar: surge a memória sobre as lutas por moradia na Cidade de Deus, os mutirões para limpar os valões no Santa Marta, a festa do bumba meu boi em Parada de Lucas, etc.

Quando especialmente a comunidade toma conhecimento dessas histórias, que são suas histórias também, alteram-se o olhar do morador e os laços de pertencimento e valorização sobre o seu próprio território. Esse processo possibilita a transformação de como o morador se enxerga, não mais como um mero indivíduo, mas como um sujeito coletivo, que possui ancestralidade e uma comunidade consigo. A memória social, nesse sentido, tem o poder de fortalecimento de um povo e a criação de novas possibilidades para o presente e o futuro.

A memória social aqui é entendida como um produto da vida social, construída a partir de diferentes interesses, seja ele político, social, cultural e/ou afetivo.

Halbwachs enfatiza o caráter coletivo da construção da memória, ou seja, ela é fruto da sociedade em que vivemos:

“só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo” (HALBWACHS, 1990, p. 36).

Ademais, o processo de construção da memória é atravessado por diferentes conflitos de interesses sobre o que quer se lembrar e sobre o que se quer silenciar, de modo que não é um campo neutro, como nos mostra Gondar e Dodebei: “A memória, aqui, está inserida em um campo de lutas e de relações de poder, configurando um contínuo embate entre lembrança e esquecimento” (GONDAR; DODEBEI, 2005, p. 7).

Este trabalho nasce a partir das minhas experiências em estágio e pesquisa durante a graduação em Serviço Social, onde tive a oportunidade de elaborar projetos e ações envolvendo organização de acervo documental, memória social e história oral. Durante o período de estágio na Casa das Mulheres da Maré, sob a orientação da professora Miriam Krenzinger, elaborei um projeto de intervenção de documentação da memória e sistematização da prática do Serviço Social nesse equipamento. Na ocasião, organizei o acervo documental do Serviço Social na Casa das Mulheres em um drive virtual, além de entrevistar estagiárias egressas, assistentes sociais e gestoras para registrar a história profissional da equipe de Serviço Social no espaço da Casa.

A experiência em pesquisa ao longo de quatro anos como bolsista do projeto de pesquisa Dicionário de Favelas Marielle Franco (WikiFavelas) também me permitiu descobrir o valor da memória. O Dicionário é um projeto que desenvolve uma plataforma virtual, pública e gratuita, a WikiFavelas, onde sujeitos favelados, periféricos e pesquisadores da academia podem registrar suas histórias e memórias e compartilharem seus saberes. O Dicionário foi idealizado pela pesquisadora Sonia Fleury junto com outros acadêmicos e lideranças de favela.

A ideia do Dicionário surge a partir de uma constatação de que os materiais e arquivos sobre as favelas estavam dispersos na internet e nos centros culturais dos próprios territórios, muitos deles com um armazenamento inadequado, verificando-se a necessidade de reunir esse material para um acesso mais amplo e

com a preocupação de preservar este acervo. A partir de então passa a ser desenvolvido a plataforma virtual do Dicionário, que hoje passa por um processo de internacionalização, rompendo as fronteiras geográficas e englobando também as comunidades de periferia.

Inicialmente nomeado como “Dicionário Carioca de Favelas”, o projeto recebe o nome de Marielle Franco após o assassinato brutal da vereadora, que foi uma das primeiras entusiastas do projeto e escritora de verbetes, como são chamadas as páginas da plataforma. Esse fato significou para o Dicionário não apenas uma mera homenagem, mas o compromisso com as lutas das favelas que Marielle representava, negando assim uma pretensa neutralidade do projeto. Assim é lançado oficialmente o Dicionário de Favelas Marielle Franco em abril de 2019.

A atuação no projeto do Dicionário e o contato com as memórias e histórias de tantos moradores e moradoras motivaram o tema deste trabalho: a importância da memória social para as comunidades de favela e seus moradores. Foram escolhidas na plataforma da WikiFavelas dois verbetes que contam a trajetória de duas mulheres, Cleonice e Marilene, que moram ou já moraram em favelas e que possuem mais de 60 anos. O critério para essa escolha foi absolutamente pessoal, dado pela admiração que tenho por Cleonice e Marilene, as duas personagens-narradoras deste trabalho. O fato da minha própria trajetória ser influenciado por grandes mulheres, como minha mãe, minha avó e a própria professora Sonia, foi fundamental para essa escolha.

As histórias das mulheres que aqui serão analisadas não são apenas sobre elas, mas também estão intrinsecamente ligadas às suas comunidades e seus moradores. Dessa forma, procuro refletir qual o impacto da memória social para seus territórios, especialmente os que possuem um histórico de vulnerabilidade, como são os espaços de favela. E também entender a importância dessas figuras femininas para o seu território, sua participação em movimentos políticos, sociais e culturais na comunidade e o senso de pertencimento de cada uma à sua favela.

Esse trabalho parte do entendimento de que a favela é um espaço de produção de conhecimento, rompendo com a lógica colonial que coloca a universidade como única detentora da hegemonia do saber e nega a determinados povos e culturas,

através do epistemicídio, o reconhecimento de sua racionalidade. Dessa forma, a escolha da memória de favela como objeto de pesquisa também é um posicionamento ético e político, o que aqui se traduz com o compromisso com as histórias que ficam à margem da chamada “história oficial”, ou como canta o samba da Mangueira de 2019: a “história que a história não conta”.

2 EPISTEMICÍDIO QUE SUBALTERNIZA E ORALIDADE QUE RESISTE

2.1 EPISTEMICÍDIO E SUBALTERNIZAÇÃO DE SABERES NEGROS, FEMININOS E PERIFÉRICOS

Na contemporaneidade tem se produzido estudos acadêmicos sobre os genocídios e violências operados pelo empreendimento colonialista nas Américas, em especial no Brasil, contra os povos originários que aqui habitavam e os africanos escravizados. Os castigos e violências no plano físico são facilmente identificados no imaginário social da população, com novelas brasileiras famosas¹ já tendo dramatizado cenas como essas da nossa história recente.

Porém, a violência colonial tem várias camadas, uma delas atua sobre os saberes e formas de ver o mundo e existir de povos indígenas e africanos, produzindo o que se conhece hoje por epistemicídio, uma das expressões do racismo. O conceito, cunhado pelo acadêmico português Boaventura de Sousa Santos- embora Abdias do Nascimento, ator, poeta, escritor, dramaturgo e professor brasileiro já tratasse sobre o tema do “Genocídio Cultural”²- relaciona o epistemicídio:

à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas (NASCIMENTO, 2009, p. 183).

Nos encontros entre essas diversidades culturais, houve e há, a partir da violência e coerção, a hierarquização de saberes a partir do eurocentrismo, com o domínio da cultura europeia, enquanto as cosmovisões dos povos dominados foram invalidadas e seus sujeitos de conhecimento deslegitimizados. Esse subjugamento epistemológico produziu efeitos nefastos no plano psicológico e espiritual dos povos não-europeus, produzindo uma inferiorização intelectual, como nos mostra a filósofa brasileira Sueli Carneiro (2005):

[...] não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como

¹ Dois exemplos são a novela *Escrava Isaura*, que ficou mundialmente conhecida na sua primeira versão de 1976, e a novela *Sinhá Moça*, onde Milton Gonçalves dá vida a Pai José nas duas versões e faz um discurso ontológico sobre a escravidão antes de ser açoitado até a morte.

² Abdias trata sobre o tema no livro “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado” de 1978.

sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Esse apagamento e distorção de identidades e memórias operadas pelo epistemicídio ocorre em diferentes dimensões da vida, como na cultura, na religião e na produção de saberes e possui um fio que dá continuidade e atualiza o racismo e a violência da colonialidade sob novas formas. Isso significa que o epistemicídio não foi um evento datado da colonialidade, mas é um processo que se mantém nos dias de hoje. Da conversão forçada ao cristianismo de povos tradicionais e africanos no passado, aos ataques a terreiros em favelas e periferias do Rio de Janeiro por traficantes evangélicos recentemente³, o racismo é vivo, mas também histórico- vale lembrar.

E nesse sentido, a favela se constitui como um espaço que reproduz as relações racistas do empreendimento escravagista, dado que as favelas tornaram-se espaço de moradia dos africanos e seus descendentes no pós-abolição. O epistemicídio que desvalorizava e negava a condição de seres produtores de conhecimento aos africanos escravizados é atualizado e fere de morte, como nos diz Sueli Carneiro, a racionalidade dos favelados e faveladas.

Isso faz com que os baile funk das favelas, tradicional espaço de lazer de quem é favelado, especialmente a juventude negra, sejam criminalizados, como outrora foram as rodas de capoeira e de samba dos negros recém libertos. A ginga, o tamborzão e o batuque continuam a ser proibidos, mesmo que informalmente. Ou seja, as expressões culturais das populações negras e faveladas são vistas como algo “negativo”, “sem valor”, de forma depreciativa.

As formas de fé são um outro elemento que sempre esteve na mira da colonialidade, proibindo, queimando e perseguindo a diversidade espiritual existente dos povos e subjugando-os à fé cristã do homem branco europeu. Um espaço sagrado, seja ele um terreiro de candomblé ou as práticas espirituais dos indígenas não são apenas uma forma de religião, mas representam formas de conceber e existir no mundo.

³ <https://globoplay.globo.com/v/7647281/>.

Não é apenas a cultura ou as formas de conhecimento de um povo que é inferiorizado, mas o próprio sujeito e sua identidade.

Produz-se, então, a partir desse processo uma razão que é atrelada a origem racial e geográfica, uma “razão racializada”, diz Carneiro (2005):

A negação da plena humanidade do Outro, a sua apropriação em categorias que lhe são estranhas, a demonstração de sua incapacidade inata para o desenvolvimento e aperfeiçoamento humano, a sua destituição da capacidade de produzir cultura e civilização prestam-se a afirmar uma razão racializada, que hegemoniza e naturaliza a superioridade europeia. O Não-ser assim constituído afirma o Ser. Ou seja, o Ser constrói o Não-ser, subtraindo-lhe aquele conjunto de características definidoras do Ser pleno: autocontrole, cultura, desenvolvimento, progresso e civilização (CARNEIRO, 2005, p.99).

Assim, a partir dessa desqualificação dos povos indígenas e africanos, opera-se uma verdadeira espoliação da capacidade desses sujeitos de se enxergarem como seres pensantes e produtores de conhecimento. O homem branco europeu, responsável pelo empreendimento colonialista, cria uma falsa imagem desses sujeitos, que passam a ser representados como selvagens, sem cultura e hipersexualizados, gerando uma identificação de muitos deles com essas falsas imagens.

A colonialidade opera, então, não a partir da alteridade, onde o que é diferente tem o seu “eu” reconhecido e respeitado, mas a partir da “Outridade” onde a imagem do negro/a é construída pela “[...] personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca.” (KILOMBA, 2019, p. 78). Ao negro é destinada a identidade do “não-eu”, “não-sujeito”, visto como o “Outro” dependente. Assim, ele é colocado sempre na posição de objeto e nunca de sujeito, onde sempre depende da narração de alguém sobre si, mas sua voz é ignorada e silenciada pela colonialidade.

Kilomba evoca a imagem de Anastácia, negra escravizada que usava uma máscara de ferro punitiva na boca, para representar o silenciamento que o povo negro é submetido. Esse silenciamento por vezes é motivado pelo medo dos segredos e denúncias que aqueles que são silenciados podem trazer a tona, como os horrores da escravidão no passado ou as violações policiais nas favelas no presente. Mas também se expressa na ausência de negros e indígenas em espaços políticos e de produção de conhecimento.

Não é que o negro ou o indígena não fale, mas a colonialidade não ouve essa fala, nem tampouco permite que ela se reverbere pela sociedade. A predominância de autores brancos e europeus nos currículos escolares das universidades públicas revela como uma fatia da produção global de conhecimento, de uma faixa geográfica específica do globo se torna universal, enquanto autores e saberes de regiões periféricas não recebem o mesmo privilégio epistemológico, produzindo uma desigualdade na produção de conhecimentos.

No Brasil, a lei que determina sobre o ensino de história e de cultura africana e afrobrasileira só foi aprovada em 2003, fruto da mobilização política dos movimentos negros, e ainda hoje enfrenta vários obstáculos para ser implementada⁴. Isso significa que o sistema educacional brasileiro ainda adota uma perspectiva eurocêntrica, impedindo que os estudantes tenham contato com outros conhecimentos, o que é representativo de como o racismo tenta impedir que determinadas vozes, discursos e saberes ecoem e tenham espaço.

Essa supressão de epistemologias que a colonialidade promove significou, diz Santos (1995):

[...] um empobrecimento irreversível do horizonte e das possibilidades de conhecimento (...) procedeu à liquidação sistemática das alternativas, quando elas, tanto no plano epistemológico, como no plano prático, não se compatibilizaram com as práticas hegemônicas. (SANTOS, 1995, p. 329).

Mas a violência da colonialidade não foi exercida sem resistências e lutas pelos povos negros e indígenas. Prova disso foram as mobilizações recentemente durante a pandemia de covid-19, quando esses grupos se mobilizaram e teceram articulações com movimentos de favela e do campo em busca de direitos⁵. O Acampamento Terra Livre foi mais um exemplo das resistências dos povos indígenas, quando o Distrito Federal foi ocupado por diversas etnias durante dez

4

<https://maiseducacao.uai.com.br/2019/09/09/lei-sobre-ensino-de-historia-afro-brasileira-ainda-enfrenta-obstaculos/amp/>

5

<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/coordenadas/movimentos-negro-do-campo-indigena-e-das-favelas-se-organizam-por-direitos>

dias, em uma das mobilizações populares mais expressivas durante o governo Bolsonaro⁶.

Negação da pluralidade e empobrecimento do conhecimento: o colonialismo foi e é um empreendimento que violenta, adocece e mata povos, corpos e espíritos. O subjugamento compulsório de seres tão diversos à uma lógica única de existência tão estranha a eles produziu algo completamente antinatural. Como é possível para um povo ser feliz sem sua dança, seus deuses, suas festas e a alegria e saúde que advém de ser quem é? Contudo, a trágica dominação epistemológica não ocorreu sem resistências e inventividades dos povos tradicionais e africanos, como veremos a seguir.

1.2 MEMÓRIA SOCIAL, ORALIDADE E RESISTÊNCIA

A transmissão de saberes dos povos colonizados só foi possível através da tradição da oralidade que estes já possuíam na sua formação cultural. É por meio da palavra falada e também dos gestos, das danças, dos rituais mágicos e festivos, onde a ciência das folhas e ervas, o culto aos Orixás e à Natureza e outros conhecimentos atravessaram e atravessam o tempo e gerações.

A oralidade foi o principal meio pelo qual os povos africanos e povos originários das Américas transmitiam seus conhecimentos, seus mitos, suas histórias, tendo a fala uma importância central nessas tradições, chegando a ser considerada como um dom divino:

A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças. Do mesmo modo, sendo a fala a exteriorização das vibrações das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala. É por isso que o universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma. (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 185).

Em algumas sociedades da África ocidental, os responsáveis pela transmissão das histórias e culturas de um povo e/ou comunidade são os chamados griôs, mestres

⁶ <https://manuelzao.ufmg.br/maior-mobilizacao-de-povos-indigenas-do-pais-tem-inicio-em-brasil/>

da oralidade que preservam e repassam os saberes por meio de poemas e canções. Os griôs são representativos de como a oralidade tem papel central para essas comunidades em África, pois é por meio da palavra que esses povos se relacionam e explicam o mundo a sua volta e é através dela que tantas memórias resistiram ao epistemicídio colonial.

Nesse papel de guardiões de memórias, os anciãos têm um papel fundamental, pois trazem não só as histórias legadas pelos ancestrais, mas as próprias histórias vividas por eles nas comunidades, com os fatos históricos, as tradições culturais, a sabedoria e ciência sobre a natureza, além das narrativas mágicas e encantadas. Assim, a oralidade tem papel fundamental no processo de educação de muitos povos, o que explica o provérbio popular que diz que quando um ancião morre é como se uma biblioteca inteira se incendiasse.

A transmissão de memórias e saberes a partir da oralidade é um instrumento político de transformação objetiva da realidade. Longe de ser algo apenas sobre o passado e situado apenas na dimensão discursiva, a memória, segundo Antônio Carlos Pinto Vieira é “uma forma de presentificar o passado para a construção do futuro” (VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ, 2021), constituindo-se assim num encontro de uma comunidade com a sua própria história, logo consigo mesmo. Esse encontro revela um sujeito coletivo, parte de uma história maior que apenas a de uma trajetória individual e apartada da comunidade.

Mas falar de memória é também falar de disputas sobre as diferentes memórias e narrativas existentes e, muitas vezes, conflitantes. Quais histórias escolhem contar sobre nós? E quais histórias sobre nós que escolhemos narrar ao mundo? As favelas e periferias são exemplos de como elementos negativos, mas reais, como a violência e a pobreza se tornaram símbolos desses territórios, sem levar em conta a complexidade dessas realidades e as vozes dos próprios moradores, que frequentemente ocupam lugar de personagens e não de narradores de sua história.

As matérias sobre operações policiais, o tráfico de drogas e os tiroteios nas favelas cariocas construíram a história oficial da mídia tradicional sobre essas comunidades, chamadas de territórios das “classes perigosas” por jornalistas no período das

reformas urbanas do século XX no Rio de Janeiro. São esses elementos que representam as favelas e periferias no imaginário social, vinculadas a sentimentos de medo e desconfiança e contribuindo para a estigmatização desses espaços.

Dessa forma, o registro e compartilhamento de memórias pelos próprios moradores é uma forma de resistência, pois os coloca na posição de sujeitos que narram suas próprias histórias, rompendo com a posição habitual de meros objetos, seja da pesquisa acadêmica, seja da política pública e de outras ações. Elizabeth Campos analisa bem a importância política da transmissão oral das memórias: “A gente precisa falar para os nossos, a partir do nosso lugar, contar e recontar as histórias e vivências. Arrisco dizer que a revolução começa daí.” (VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ, 2021).

E se o palpite de Campos for acertado, então a revolução já começou nas favelas e periferias do Rio de Janeiro. Diversos projetos e ações se debruçam no registro das memórias dessas comunidades, onde através de diferentes linguagens, como a oralidade, as fotografias e jornais, guardados com carinho por antigos moradores, é reconstruída e disponibilizada para a comunidade suas histórias, contando sobre as lutas sociais, a formação daquele espaço, os moradores antigos, as expressões culturais importantes, etc. Assim, esse encontro entre morador e as memórias coletivas da sua comunidade permite um novo olhar sobre esta, ressignificando e gerando um sentimento de pertencimento e valorização dos territórios.

Um desses exemplos são os museus de favela, que contribuem para registrar as memórias dos territórios. O Museu da Maré⁷, fruto do projeto Rede Memória da Maré, que foi criado para a preservação da memória local e construir sentido de pertencimento na comunidade, foi inaugurado em 2006 e possui biblioteca, galeria para exposições, laboratório de conservação, além de produzir oficinas culturais para o público. Além de ser referência para outras iniciativas, o Museu se constitui como um importante espaço de socialização, encontro e reconhecimento dos moradores da Maré.

⁷ https://wikifavelas.com.br/index.php/Museu_da_Mar%C3%A9

O Museu da Maré é símbolo da favela que ousa resistir e pautar políticas de vida, pautando o direito à memória das favelas, frente à política de morte do Estado, produzindo conhecimentos e saberes, apesar do epistemicídio que invisibiliza e nega esse status a essas populações. São os moradores sendo protagonistas e construindo novas narrativas, a partir das suas vivências e impactando positivamente as suas comunidades.

Outra ação positiva de registro de memórias é o Varal de lembranças, organizado por moradores alunos de um projeto de alfabetização de adultos na Rocinha que ao não encontrarem referências às favelas cariocas e à Rocinha nos livros didáticos, resolveram ir em busca dos moradores. A ação além de mobilizar a comunidade, gerou um livro que foi usado pelas escolas da Rocinha e em exposições. como conta Antônio Carlos Firmino⁸:

Tratamos então de ouvir as versões dos moradores sobre a “história do morro”, desmontar, pelo confronto de dados, as sentenças preconceituosas da história oficial, investirem na afirmação de uma nova identidade social não estigmatizada (FIRMINO, 2020).

Projetos como o Varal de lembranças, que envolvem a comunidade na busca pela sua história, carregam um potencial enorme de fortalecimento das identidades coletivas. Para os mais velhos da comunidade, é uma oportunidade de integração e de lembrar as festas, as passagens marcantes, os amigos, etc. E para os mais jovens, traz o conhecimento da história do seu território e ajuda na formação de um senso de pertencimento comunitário, o que corrobora com a tese da memória como um instrumento político de transformação.

Nesse processo de registro de memórias, a tecnologia vem desempenhando uma importante função para a preservação de histórias e sua difusão. Instrumentos como câmeras fotográficas e de filmagem, gravadores de som e a internet ajudaram a eternizar o que a oralidade, e posteriormente também a escrita, tradicionalmente já preservava. E foi justamente com a invenção do gravador de fita que inaugurou-se uma nova metodologia de pesquisa nos anos 1950: a história oral.

Considerada também como técnica e disciplina acadêmica, a história oral usa como fonte de pesquisa a oralidade registrada através de entrevistas e foi introduzida no

⁸ https://wikifavelas.com.br/index.php/Varal_de_lembran%C3%A7as

Brasil a partir dos anos 1970 com a criação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas. Segundo Portelli, “[...] podemos definir a história oral como gênero de discurso no qual a palavra oral e escrita se desenvolvem conjuntamente, de forma a cada um falar para a outra sobre o passado” (PORTELLI, 2001, p. 13).

A história oral privilegia as memórias excluídas da “história oficial”, como as de populações e comunidades de favelas, trabalhadores, quilombolas, indígenas, etc. buscando contar “A história que a história não conta”⁹. De acordo com Guedes-Pinto:

A HO preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais (GUEDES-PINTO, 2002, p. 95).

Dessa forma, a partir da metodologia da história oral é possível produzir artigos acadêmicos, documentários e outras produções que contribuem com as disputas de narrativas, produzem dados para outras pesquisas acadêmicas e políticas públicas e podem se constituir como importantes devolutivas para as comunidades e populações às quais elas foram baseadas. Este último ponto é especialmente importante para se pensar o compromisso do pesquisador em não apenas colher as informações e histórias dos entrevistados, mas apresentar a devolutiva do trabalho.

A escolha por grupos de pessoas consideradas subalternas e marginalizadas, como neste trabalho em que se usa entrevistas de mulheres mais velhas de favelas, sinaliza também um compromisso ético-político com esses grupos, suas lutas e demandas. O trabalho de coleta de relatos também requer respeito do entrevistado por quem decide abrir suas memórias, um cuidado sensível caso surjam situações delicadas e o compromisso com o sigilo, caso o entrevistado demande.

A história oral permite que o entrevistado narre suas memórias e a partir disso faça suas próprias formulações sobre si e suas histórias, posicionando-o de objeto da pesquisa para sujeito:

⁹ Trecho do samba enredo da Escola Estação Primeira de Mangueira de 2009.

A entrevista, sob a ótica do entrevistado, permite uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro, ou seja, o entrevistado torna-se capaz de se ver como o criador da história, à medida que, de alguma maneira, transformou e transforma o mundo em sua vivência, questionando elementos da vida social. [...] Essas pessoas, de objetos de pesquisa, se tornam sujeitos, pois percebem não só sua história de vida, mas seu projeto de vida nesse processo de autoanálise (LE VEN; FARIA; MOTTA, 1997, p. 220).

Dessa forma, a história oral auxilia no registro de memórias que não estão no enquadramento do retrato oficial da história, dando visibilidade a vozes e saberes populares, impulsionando novas narrativas que permitam que comunidades e populações subalternas possam ter suas histórias e identidades coletivas valorizadas. O que a espada do epistemicídio tentou eliminar, a força da palavra preservou, repassou e faz sobreviver nas comunidades tradicionais, nas favelas e periferias. É no encontro da fala e da escrita que se assenta este trabalho.

2 DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO

2.1 O PROJETO: HISTÓRIA E LEGADO

A WikiFavelas¹⁰ é uma plataforma wiki virtual, pública e gratuita para o registro de memórias de favelas e periferias do Brasil e do mundo. Atualmente possui 1 269 verbetes¹¹ (como são chamadas as páginas desse Dicionário virtual) em português, inglês e espanhol e 561 autores de verbetes¹² divididos entre pesquisadores acadêmicos, moradores e lideranças de favelas, fotógrafos, poetas e outras pessoas que se cadastram gratuitamente na plataforma e criam seus verbetes.

A palavra verbete tem origem etimológica no latim “verbus”, o verbo, ou seja, o que se quer enunciar, dizer, comunicar, por meio de um relato, uma denúncia, uma história, um manifesto. Os verbetes são a base da WikiFavelas, por onde os usuários, num espaço coletivo, podem se expressar através de diferentes linguagens, como a oralidade nos vídeos, a escrita textual e as imagens e possuem conteúdos diversos, como por exemplo relatos de moradores, pesquisas acadêmicas, história sobre coletivos e movimentos sociais, etc.

Toda a diversidade de conteúdos da plataforma é organizada através de quatro grandes eixos de análise¹³: Estado e Mercado; Associativismo e Memória; Sociabilidade e Cultura e Coronavírus. Cada um desses eixos se divide em diferentes temas denominados Categorias Temáticas, que desdobram os assuntos nas suas diferentes dimensões. Além disso, os verbetes possuem palavras-chave que particularizam as temáticas presentes em cada página, de modo a classificá-las e organizá-las para que os usuários possam navegar pelo Dicionário e buscar seus temas de interesse com mais facilidade.

Apesar de ser uma plataforma wiki, semelhante à Wikipédia, a WikiFavelas se diferencia desta por permitir que múltiplas narrativas sobre um mesmo fato possam

¹⁰ <https://wikifavelas.com.br/>

¹¹ Consulta feita em segunda-feira, 4 de julho de 2022, 20:57 (Horário de Brasília) na página inicial da WikiFavelas.

¹² Consulta feita em segunda-feira, 4 de julho de 2022, 20:57 (Horário de Brasília) na página inicial da WikiFavelas.

¹³ https://wikifavelas.com.br/index.php/Wikifavelas:Organiza%C3%A7%C3%A3o_e_Conceitos

coexistir na plataforma, produzindo diferentes verbetes com temáticas iguais, mas perspectivas distintas. Na Wikipédia, por exemplo, só é possível existir um verbete sobre o Caveirão, ao contrário da WikiFavelas que aceita o contraditório, além de disponibilizar uma área de “discussão”, onde pode haver críticas e debates dos usuários em relação ao conteúdo dos verbetes. Essa característica garante a pluralidade das ideias e narrativas, cabendo ao usuário formar sua opinião sobre as controvérsias existentes.

O Dicionário nasce das conversas e reflexões entre pesquisadores acadêmicos e lideranças de favelas cariocas, a partir da constatação que os registros sobre as favelas estavam dispersos, guardados especialmente pelos centros culturais de favela que possuem matérias de jornais, filmes, fotografias e outros documentos, muitos doados pelos próprios moradores. Com pouco recurso financeiro e conhecimentos técnicos de preservação desses materiais, os documentos ficavam vulneráveis às intempéries, como enchentes e os impactos físicos próprios do tempo.

Assim, surge a ideia embrionária do, então, Dicionário Carioca de Favelas, que inicialmente seria um livro físico e restrito às favelas do Rio de Janeiro. A ideia do modelo de livro é superada ainda nas primeiras conversas entre os participantes, apontando para a necessidade de algo virtual e dinâmico, aberto à edição e expansão, como mostra uma ata¹⁴ das primeiras reuniões do projeto:

O Dicionário objetiva criar uma plataforma Wiki que agregue os conhecimentos produzidos sobre as favelas cariocas, além de permitir a criação coletiva de verbetes, documentos e iconografia de forma a torná-lo dinâmico, acumulativo e aberto para a população coletiva a fim de suprir uma lacuna na área do conhecimento que é o estudo das favelas (ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, 2017).

O projeto foi idealizado pela pesquisadora Sonia Fleury, à época na Fundação Getulio Vargas (FGV), nas conversas e articulações com outros pesquisadores da área de favelas e de lideranças comunitárias do Rio de Janeiro. Aqui cabe evocar merecidamente a doce memória do professor Luiz Antônio Machado da Silva¹⁵, sociólogo e uma das ótimas cabeças e mãos que contribuíram com a construção do

¹⁴ Ata da reunião do dia 14 de agosto de 2017.

¹⁵ https://wikifavelas.com.br/index.php/Luiz_Antonio_Machado_da_Silva

Dicionário. Machado simbolizava bem o encontro de forma horizontal entre o saber acadêmico e o saber das favelas, nos seus diálogos com militantes e moradores.

Entre as instituições que participam desde o início do projeto e compõe o Conselho Editorial estão: Instituto Raízes em Movimento¹⁶, o Centro de Estudo e Ações Culturais e de Cidadania em Cidade de Deus (CEACC)¹⁷, o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM)¹⁸, o Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC)¹⁹, o Grupo ECO - Santa Marta²⁰, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)²¹ e o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ)²².

Além disso, o projeto é formado desde seu início por uma equipe multidisciplinar, englobando as áreas da sociologia, da tecnologia da informação, do serviço social e posteriormente da biblioteconomia. Essa configuração entre a equipe trouxe desafios, como o contato entre linguagens distintas das diferentes áreas de saberes, mais notadamente a área de humanas representada pela sociologia e a área de exatas, representada pela tecnologia da informação. Mas também foi justamente essa diferença que permitiu trocas mais ricas entre a equipe, com diferentes contribuições de cada área.

Um dos objetivos do Dicionário era a criação de “um espaço plural e horizontal, onde diferentes produtores de saberes sobre as favelas pudessem fazer uso do verbo” (FLEURY et al., 2022), valorizando assim a diversidade de conhecimentos. Mas esse processo apresenta seus desafios, já que o silenciamento e a deslegitimação dos favelados enquanto produtores de conhecimento, frutos do epistemicídio, gerava

¹⁶ https://wikifavelas.com.br/index.php/Instituto_Ra%C3%ADzes_em_Movimento

¹⁷

[https://wikifavelas.com.br/index.php/Centro_de_Estudos_e_A%C3%A7%C3%B5es_Culturais_e_de_Cidadania_\(CEACC\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Centro_de_Estudos_e_A%C3%A7%C3%B5es_Culturais_e_de_Cidadania_(CEACC))

¹⁸

https://wikifavelas.com.br/index.php/Centro_de_Estudos_e_A%C3%A7%C3%B5es_Solid%C3%A1rias_da_Mar%C3%A9

¹⁹

https://wikifavelas.com.br/index.php/N%C3%BAcleo_Piratininga_de_Comunica%C3%A7%C3%A3o_-_NPC

²⁰ [https://wikifavelas.com.br/index.php/Grupo_ECO_\(Santa_Marta\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Grupo_ECO_(Santa_Marta))

²¹ https://wikifavelas.com.br/index.php/Wikifavelas:Universidade_do_Estado_do_Rio_de_Janeiro

²²

https://wikifavelas.com.br/index.php/Wikifavelas:Instituto_de_Pesquisa_e_Planejamento_Urbano_e_Regional

tensões entre os saberes acadêmicos e os saberes populares. Se por um lado existia a indignação dos sujeitos favelados, também existia a exigência firme de falar e ser ouvido, colocando em pauta essas tensões nos debates de construção do projeto.

As relações institucionais também desencadeavam tensões entre os participantes. A FGV, instituição de ensino privada, onde o corpo de alunos e professores era majoritariamente de homens brancos de classe média alta produzia um estranhamento e desconfiança dos moradores de favelas, que não se sentiam representados por aquele espaço e questionavam o interesse da instituição nos seus documentos e acervos pessoais. Posteriormente a mudança de sede do projeto para a Fiocruz, que possuía uma tradição de diálogo com favelas e suas instituições, desfez as desconfianças e desconfortos dos moradores.

Uma das primeiras ações para garantir a equidade entre acadêmicos e favelados foi a adoção do critério de paridade entre estes para a composição do Conselho Editorial²³, instância responsável pela linha editorial do Dicionário e pela mobilização de novos parceiros e instituições. Além disso, a plataforma wiki é projetada para que os verbetes de acadêmicos e moradores tenham o mesmo destaque, evitando assim a valorização de um saber em detrimento de outro. Essas primeiras medidas políticas e editoriais demonstram o papel político do Dicionário desde seu início, rejeitando qualquer pretensão de neutralidade.

Para pensar e organizar os primeiros verbetes da plataforma, foram criados grupos de trabalho temáticos, como o GT Sociabilidade e Cultura e o GT Estado e Mercado, com os representantes do Conselho Editorial e da equipe de pesquisa do projeto. Dessa forma, foram listados inicialmente os temas iniciais para a criação dos verbetes e os possíveis autores a serem convidados para a escrita. Esse primeiro momento representa bem a atuação limitada do ainda “Dicionário Carioca”, com os primeiros verbetes restritos aos territórios parceiros da Maré, Complexo do Alemão, Santa Marta e da Cidade de Deus.

²³ https://wikifavelas.com.br/index.php/Wikifavelas:Conselho_editorial

Uma ferramenta importante de mobilização dos usuários do Dicionário, especialmente os moradores de favela, são as oficinas de verbetes, onde o projeto é apresentado e é ensinado como navegar pela plataforma. Realizadas nos próprios territórios favelados, antes do lançamento do projeto e ainda hoje, as oficinas são uma oportunidade de intercâmbio entre a equipe, os moradores e seus saberes e representa bem o encontro entre o saber acadêmico e o saber orgânico da favela. Mas essa interação também apresenta desafios para o Dicionário, como a dificuldade dos grupos de se apropriarem da tecnologia da plataforma.

A falta de costume com a escrita por parte de alguns moradores de favela, e a então inabilidade do Dicionário para incorporar outras linguagens, foi outra barreira que dificultou uma maior adesão pelos moradores no início do projeto. Nesse sentido, a equipe de T.I. buscou soluções para dissolver esse nó, instalando na plataforma novos recursos que passaram a permitir a inclusão de vídeos, imagens, mapas, poesias e outras formas de comunicação, valorizando assim a riqueza da oralidade e abrindo caminho para que uma liderança mais velha, por exemplo, pudesse através do seu celular gravar um vídeo contando sua história, sem a necessidade da escrita.

Apesar do período de gestação do projeto, é somente em abril de 2019 que a plataforma é oficialmente lançada com o nome de Dicionário de Favelas Marielle Franco²⁴, num evento realizado na Biblioteca da Fundação Oswaldo Cruz no Campus da instituição em Manguinhos, Rio de Janeiro²⁵. O lançamento reuniu lideranças comunitárias e pesquisadores da academia, além de artistas, representantes políticos e os pais de Marielle Franco, seu Antônio e dona Marinete, que receberam uma placa em homenagem à sua filha.

O evento serviu como uma celebração da memória de Marielle e tudo o que ela representava para as lutas das favelas, além de apresentar o Dicionário para a

²⁴ O projeto do Dicionário Carioca de Favelas, foi inicialmente criado na EBAPE/FGV com fundos próprios e com apoio do CNPQ. Em 2019, o Dicionário de Favelas migrou para o ICICT/FIOCRUZ . Em homenagem à vereadora e apoiadora do projeto, Marielle Franco, brutalmente assassinada, passou a levar o nome Dicionário de Favelas Marielle Franco, extrapolando assim os limites territoriais inicialmente definidos.

²⁵

https://wikifavelas.com.br/index.php/Lan%C3%A7amento_do_Dicion%C3%A1rio_de_Favelas_Marielle_Franco

sociedade como um instrumento político, como destaca Sonia Fleury, coordenadora do projeto:

O Dicionário é um instrumento para aqueles que, como nós, compartilham da ideia de que nossa sociedade não pode ser discriminadora. É uma busca por reconhecer a importância da favela, a importância de suas lideranças e da população que está criando uma nova cidade. A tentativa de abraçar uma sociedade mais rica e plural. Perdemos uma pessoa querida, mas não sua potência. O Dicionário é um instrumento dessa potência, um instrumento para a voz de Marielle. Não só a Marielle Franco, mas outras Marielles que têm falado em defesa da emancipação, da cidadania e da inclusão social (VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ, 2019).

Marielle foi uma das primeiras convidadas a escrever um verbete para a plataforma do Dicionário, ao qual aceitou prontamente, sendo uma entusiasta do projeto. Seu chocante assassinato em 2018, ainda na fase inicial do Dicionário, consternou toda a equipe, mas também fez brotar a ideia de dar seu nome ao projeto que estava nascendo. A proposta gerou discussões entre o Conselho, onde foi colocado se a adoção do nome não seria um mero consumo da figura de Marielle, que à época já estava reconhecida e homenageada em diversas partes do mundo²⁶. A decisão de dar o nome de Marielle ao Dicionário representou o ponta pé para a nacionalização do projeto e o compromisso com as lutas da vereadora relacionadas às favelas, ao povo negro, às mulheres e à população LGBTQIA+.

A tentativa de silenciamento compõe a trajetória de muitas populações marginalizadas e periféricas, especialmente de mulheres negras e faveladas que são historicamente deslocadas para o lugar da invisibilidade e da desumanização. Por vezes o silêncio também se torna estratégia de sobrevivência para muitos, advinda da sabedoria dos mais velhos e da própria vivência, uma resistência do silêncio (VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ, 2019), segundo palavras de Cleonice Dias, que busca driblar o racismo, o machismo e outras formas de opressão. Mas há também as Marielles que usam do enfrentamento e bradam firmemente que não serão interrompidas²⁷, fazendo desaguar o inaudito de tantas vozes do passado e do presente.

²⁶ https://wikifavelas.com.br/index.php/Mapeamento_das_homenagens_a_Marielle_Franco

²⁷

<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/discvot.nsf/5d50d39bd976391b83256536006a2502/cd266fdef87ea5fc8325824a006d079d?OpenDocument>

Falar e ser ouvida são um componente fundamental para o exercício da cidadania plena, onde o sujeito é livre para se expressar, trazer suas contribuições, suas contrariedades, suas denúncias e ser ouvido e acolhido pela comunidade ao qual faz parte. É nesse processo em que estão presentes a liberdade da fala e a escuta qualificada que é possível o desenvolvimento da autoestima e do sentimento de pertencimento dos sujeitos a uma comunidade. Nesse sentido, o Dicionário de Favelas, a partir da sua realidade de uma comunidade virtual, pretende ser um desses espaços políticos que estimulam as vozes silenciadas pelo epistemicídio a se expressarem, fortalecendo narrativas e memórias faveladas e periféricas.

O Dicionário também se constitui em um espaço para que os favelados e faveladas possam inverter a lógica tradicional do lugar de objeto para o lugar de sujeito, narrador de suas histórias e produtor de epistemologias, reflete a deputada Mônica Francisco:

Hoje a favela e a periferia vêm, a partir dos processos de redistribuição democrática das universidades, produzindo epistemologia. Vêm se repensando e se resignificando. E vêm produzindo a reorganização do pensamento a partir das experiências vividas em seu território (VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ, 2019).

As histórias de favelas e de seus moradores historicamente foram contadas por pessoas que não eram do território, um olhar “de fora” que produziu narrativas onde muitas vezes os moradores não se sentiam representados. Um exemplo disso é a forma como a grande mídia se referia às favelas, geralmente representadas a partir do prisma do negativo, como o lugar da pobreza, da criminalidade e da carência, produzindo uma imagem enviesada desses espaços e gerando estigmas sobre o território e seus moradores no imaginário social.

A democratização do acesso à universidade, a partir das cotas, faz com que a juventude favelada ocupe esse espaço e coloque em xeque o privilégio do saber acadêmico, afirmando a favela como espaço de produção de conhecimentos. Esse cenário permite que novas narrativas sejam criadas pelos próprios moradores, fazendo surgir o lema “Favela é potência” e valorizando os territórios favelados e periféricos.

O primeiro ano pós-lançamento da plataforma ainda demandou um esforço maior de mobilização por parte da equipe de pesquisa com os grupos de favela, já que a popularização do Dicionário se deu mais rápido no meio acadêmico. Mas a pandemia do novo coronavírus em 2020 trouxe um importante ponto de inflexão em como as populações de favelas utilizavam a plataforma. A emergência sanitária e social somada à falta de medidas eficazes do poder público para as favelas e periferias fez com que os coletivos e redes desses territórios se mobilizassem em campanhas de arrecadação de alimentos, produtos de limpeza e recursos financeiros para mitigar os efeitos da pandemia.

Com a necessidade de ampla divulgação das ações contra o coronavírus, alguns coletivos parceiros do Dicionário começaram a demandar a divulgação de suas ações na plataforma, invertendo a direção das demandas. Dessa forma, é criada uma página especial chamada Coronavírus nas favelas²⁸ que reúne diferentes esforços das favelas, a saber: 1) mapeamento das formas de apoio; 2) coletivos envolvidos em ações de combate ao coronavírus nas favelas; 3) painéis comunitários para contagem dos casos nos territórios; 4) notícias sobre a situação das favelas durante a pandemia; 5) editais de apoio e fundos de financiamento para coletivos; 6) análises e propostas sobre a realidade do coronavírus nas favelas; 7) materiais audiovisuais de prevenção produzidos pelas favelas.

Além disso, o Dicionário esteve envolvido também na produção de duas séries de lives virtuais exibidas ao vivo pelo Youtube e Facebook, uma em parceria com o Urbano – Laboratório de Estudos do Urbano e a Universidade da Cidadania, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) chamada “Favelas, pandemias e cidadanias”²⁹ e outra em parceria com a VídeoSaúde, distribuidora da Fiocruz, chamada “Favelas em Movimento”³⁰. Ambas as séries tinham a participação dos membros do Conselho Editorial do Dicionário na mediação, com convidados moradores de favela, sempre com um tema específico em cada episódio.

²⁸ https://wikifavelas.com.br/index.php/Coronav%C3%ADrus_nas_favelas

²⁹ [https://wikifavelas.com.br/index.php/Favelas,_pandemias_e_cidadanias_\(lives\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Favelas,_pandemias_e_cidadanias_(lives))

³⁰ [https://wikifavelas.com.br/index.php/Favelas_em_Movimento_\(lives\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Favelas_em_Movimento_(lives))

As lives foram uma oportunidade de atuação do Dicionário para além da plataforma e de produzir um espaço que os moradores e lideranças pudessem se expressar sobre diferentes temas relacionados à realidade das favelas e periferias. Foram ao ar episódios sobre educação, racismo, juventude, etc., todos publicados como verbetes na plataforma, ampliando os verbetes de oralidade e servindo como material base para pesquisas futuras da equipe e de quem se interessar.

Outra frente importante do Dicionário são os ciclos de estudo que ocorrem de forma mensal, abertos também aos membros do Conselho Editorial. Os ciclos têm como base o estudo de textos e vídeos sobre um determinado tema e o debate do seu conteúdo entre os presentes, tendo suas diversas edições já se debruçado sobre temas como o empreendedorismo nas favelas, a branquitude, a economia solidária, entre outros. Essa frente do Dicionário possui especial importância dada a dimensão formativa que o projeto possui, já que seu corpo de bolsistas e pesquisadores possui graduandos, mestrandos e doutorandos, além de permitir maior apreensão dos temas, por vezes polêmicos e não pacificados, que se depara a equipe durante sua atuação.

Dessa forma, o Dicionário de Favelas se constitui não apenas como uma plataforma virtual ou mais um site na rede, mas é concebido e desenvolvido para ser um instrumento político aliado das lutas das favelas e periferias, comprometido com a defesa dos direitos humanos, a pluralidade de saberes e a memória favelada e periférica. O Dicionário é algo vivo e em construção, e por isso inacabado, estando cada vez mais próximo da sua realização à medida que “ganha o mundo” e é utilizado pelos moradores, pesquisadores e demais sujeitos externos à equipe de pesquisa.

CAP 3 - MEMÓRIA SOCIAL E ORALIDADE: POTÊNCIAS FEMININAS PERIFÉRICAS

3.1 DOS TERRITÓRIOS: CIDADE DE DEUS E MARÉ

As histórias aqui narradas não são sobre mulheres individualizadas, apartadas de sua realidade objetiva, mas histórias que trazem as memórias de um sujeito coletivo, com fortes vínculos com sua comunidade, seus vizinhos e sua família. Dessa forma, esse capítulo se inicia a partir dos territórios aos quais essas mulheres são pertencentes, seja como moradora ou ex-moradora.

A Cidade de Deus, ou “CDD” para os crias³¹, é uma das maiores favelas do Rio de Janeiro, localizada na Zona Oeste da cidade, é cortada pelo Rio Grande e seu afluente Estiva, num bairro que leva o mesmo nome³². Faz limite com os bairros de Jacarepaguá, Gardênia Azul, Freguesia e Taquara e o censo do IBGE de 2010 aponta uma população, à época, de 36.515 habitantes, número que certamente se alterou após treze anos. De acordo com o Censo 2010, há cerca de 180 estabelecimentos comerciais abertos no território e 16 Equipamentos Municipais de Educação (10 escolas municipais, 4 EDIs, 1 CIEP e 1 creche), onde 1.360 alunos estão matriculados (Data Rio, 2019);

O território da CDD apresenta um dos indicadores sociais mais desiguais da cidade do Rio, apesar de estar próxima de bairros de classe média alta, como a Barra da Tijuca. O Índice de Desenvolvimento Social da comunidade é 0,559, o que a deixa em 127º lugar na lista que compara a qualidade de vida de 161 bairros cariocas (WIKIFAVELAS, 2020). Cerca de 10% dos domicílios vivem abaixo da linha da pobreza e no território não há nenhum equipamento de cultura, esporte e lazer público na região. A violência também é um problema que afeta os moradores da CDD, através do tráfico de drogas local e do Estado, com operações policiais violentas recorrentes.

³¹ <https://wikifavelas.com.br/index.php/Cria>

³² [https://wikifavelas.com.br/index.php/Cidade_de_Deus_\(favela\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Cidade_de_Deus_(favela))

Cleonice aponta bem as contradições e desigualdades que constituem o território da CDD:

[...] É um lugar que foi feito pra receber o pobre, que foi colocado no processo de limpeza do Rio de Janeiro distante do centro de desenvolvimento, num bairro que era destinado à colônia de loucos, do pessoal que tinha hanseníase e dos tuberculosos, portanto a Zona Oeste da doença, no lugar dos pobres, e que foi crescendo esse lugar, essa Zona Oeste, por causa da Barra da Tijuca, por causa do Recreio, foi sendo o centro do desenvolvimento ao mesmo tempo que como espaço de estoque de mão de obra barata, foi continuando pobre [...] (NUNES, 2020).

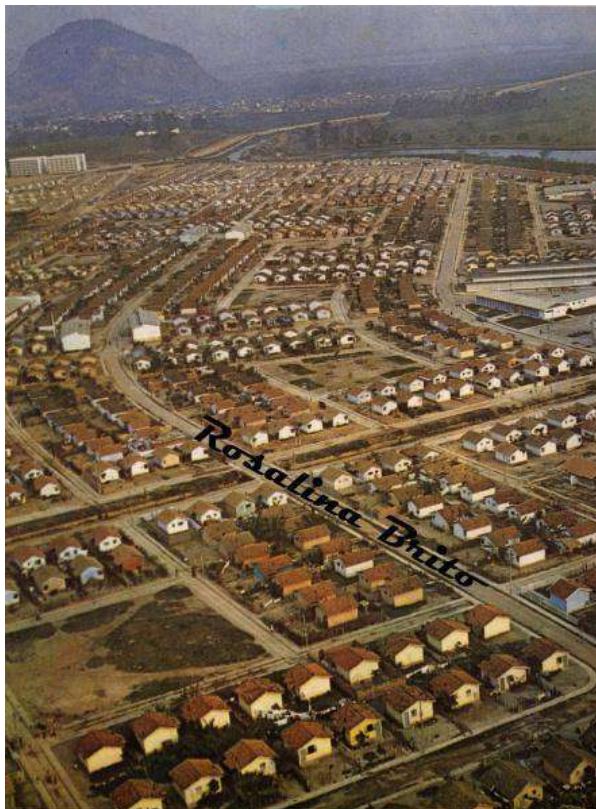
Apesar disso, a Cidade de Deus possui uma história de lutas e resistências de seus moradores, através da luta por moradia e o acesso aos serviços públicos e pelo forte associativismo presente no território, com associação de moradores, grupos de teatro e cultura, conselho de moradores, movimentos negros e da juventude, etc. tendo a alegria como um componente fundamental e diferencial nos movimentos de resistência da CDD:

[...] a leitura de como a comunidade resiste, a leitura de que a alegria faz parte de um processo de resistência, que o futebol, a cerveja, não é alienação, você só vai compreender se olhar a origem, não é, os vínculos que as pessoas estabelecem, o que que elas trazem da história. A memória é fundamental pra gente entender hoje, sabe, pra gente entender os desafios, pra gente entender a diferença (NUNES, 2020).

A origem da Cidade de Deus é indígena, fora território dos Tamoios até o século XVI, sendo ocupada posteriormente por fazendas onde se produziam café, cana-de-açúcar, entre outros produtos. Durante a década de 1960, diversas famílias atingidas pela política de remoção de favelas³³ do governo de Carlos Lacerda chegam à Cidade de Deus, vindas de comunidades da Zona Sul da cidade. Assim, conjuntos habitacionais são construídos, como mostra a Figura 1, ruas são criadas, as margens dos rios passam a ser ocupadas e a CDD se transforma com essa nova dinâmica e seus personagens.

³³ https://wikifavelas.com.br/index.php/Remo%C3%A7%C3%B5es_de_favelas_no_Rio_de_Janeiro

Figura 1 - Cidade de Deus nos anos 1960.



Fonte: Rosalina Brito.

O movimento do tráfico de drogas é um importante componente da identidade da Cidade de Deus, tendo seu surgimento a partir dos anos 1960 e sua ascensão nas décadas posteriores, testemunha Cleonice Dias:

[...] A resistência dos moradores e a ingerência do tráfico e a inoperância dos serviços públicos marca a identidade porque eu vivi esse processo das gerências, que tavam divididas e disputavam, pro início da Falange Vermelha, que é antes do Comando Vermelho [...] eu vivi na Cidade de Deus porque tava na igreja e podia circular, porque a igreja, a capoeira, as religiões, podiam circular, mas os moradores, os jovens de um lugar não podiam ir no baile de outro lugar. Não podia, era proibido, e os pais não deixavam. Então eu vivi esse momento, que era um momento de muito medo (NUNES, 2022).

Nos anos 1980, surgem diferentes espaços de sociabilidade e associativismo no território, como associações de moradores, igrejas, grupos de teatro, agremiações de samba e esportivas, grupos de dança e movimentos negros. Entre 1981 e 1985, a região que até então era um sub-bairro de Jacarepaguá é emancipada e torna-se oficialmente um bairro, via decreto da prefeitura. Em 1997 é construída a Linha

Amarela, rodovia que passa a cortar o bairro, assim como os rios já o faziam de forma natural.

Em 2002 é lançado o filme “Cidade de Deus” que dá notoriedade para a favela da CDD no Brasil e no exterior, a partir da narrativa da violência e da criminalidade, o que favorece os preconceitos e discriminações contra a comunidade. Mas apesar da violência, Cleonice faz questão de pontuar a alegria e diversidade dos moradores da CDD:

[...] tem uma coisa na Cidade de Deus que é assim, o povo é resistente e alegre, é um desaforo a alegria das pessoas, gostam de música, de uma multiplicidade de gostos, é bem eclético. Gostam de ouvir música alta. Tem gente de todas as religiões (NUNES, 2022).

A cerca de 20 quilômetros dali, às margens da Baía de Guanabara, na Zona Norte da cidade, está localizada o bairro da Maré³⁴ ou Conjunto de Favelas da Maré, já que abriga 16 comunidades³⁵, com mais de 140 mil moradores, população superior a muitos municípios brasileiros. A maré margeia a Baía de Guanabara e está localizada entre importantes vias rodoviárias, quais sejam: a Avenida Brasil, Linha Vermelha, Linha Amarela e Transcarioca. Essa área se estende paralelamente à pista de subida da Avenida Brasil (sentido Zona Oeste da cidade), desde a FIOCRUZ (antigo prédio do Ministério da Saúde, em Manguinhos) - passando pela entrada para o Aeroporto Internacional do Galeão - até o bairro da Penha.

A Maré possui maioria dos moradores (62,1%) declarados como pretos ou pardos e 25,8% da sua população, porcentagem alta em comparação com a média fluminense de 9% (REDES DA MARÉ, 2019). Além disso, sua população é composta de maioria jovem (com menos de 30 anos) e de mulheres: 51,9% e 51%, respectivamente. Em termos de equipamentos públicos, o território possui 44 escolas públicas, que oferecem da creche ao ensino médio e cerca de 10 equipamentos públicos de saúde. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do território no ano 2000 era de 0,722, o 123º colocado no município do Rio de Janeiro, índice superior ao de Acari, Parque Colúmbia, Costa Barros e Complexo do Alemão.

³⁴ https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo_da_Mar%C3%A9

³⁵ Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Vila do Pinheiro, Mandacaru, Vila do João, 'Salsa e Merengue', Roquete Pinto, Praia de Ramos e Bento Ribeiro Dantas.

O nome Maré tem origem nos mangues e praias que compunham a paisagem geográfica do território e o início da sua ocupação data do período colonial, estimulada pelo escoamento dos produtos das fazendas locais nos dois portos ali situados e as instalações de engenhos de cana-de-açúcar e olarias.

Em 1946 é inaugurada a Avenida Brasil, impactando na dinâmica da região e impulsionando a migração, especialmente a nordestina. Contudo, a novidade da via expressa contrastava com as ruas sem asfalto da Maré e a ausência ou precariedade dos serviços públicos básicos, como testemunha Marilene:

Lembro que às vezes quando ia a algum lugar que precisava pegar ônibus, tinha que andar até a Avenida Brasil com um pano na mão pra limpar o pé, por as ruas não serem asfaltadas, tinha muita lama [...] não tinha água encanada, o serviço de light ainda não estava totalmente regularizado pois era comum faltar energia e os moradores tinham que usar lamparina, velas ou então ficarem sentados nas portas batendo papo esperando voltar, e assim nesse bate papo iam se criando os elos. Os presidentes de associações sempre na luta em busca de melhorias para o bem da comunidade [...] (NUNES,2022).

Na década de 70, a ocupação do espaço atinge seu ápice, com as famosas casas de palafitas, como ilustra a Figura 2, se espalhando sobre as águas da Baía de Guanabara. Porém, a partir da década de 80, a paisagem da Maré passa por significativas transformações, com as construções de palafita paulatinamente sendo extintas através do Projeto Rio, conta Marilene:

Nessa época uma grande parte da Maré já estava aterrada mas ainda existiam muitos barracos de Palafitas, casas construídas sobre o mangue e sustentadas com estacas de madeiras . Lembro que eu costumava visitar uma amiga que morava numa dessas casas e certa vez presenciei uma cena curiosa, ela deitada sobre as pontes de madeiras tentando pegar algo dentro da lama, pois a Maré estava baixa e só depois da explicação que fui entender, com a ventania caiu uma toalha dentro do mangue (NUNES, 2022).

Figura 2 - Crianças na frente de uma palafita.



Fonte: Museu da Maré.

Com os grandes aterramentos, as famílias que ali residiam são transferidas para conjuntos habitacionais que passam a ser construídos para recebê-los. Finalmente em 1994, durante a gestão do prefeito César Maia, a Maré ganha status de bairro, contudo sem nenhuma consulta ou participação dos moradores nesse processo.

3.2 CLEONICE E MARILENE

Cleonice Dias e Marilene Nunes são duas mulheres contemporâneas, com mais de sessenta anos de idade, que chegaram ao Rio de Janeiro nas ondas migratórias do século XX, ainda jovens e se estabeleceram em favelas cariocas, criando um forte vínculo com esses territórios que perdurou ao longo de suas trajetórias e permanece ainda hoje. Seus caminhos se assemelham em vários pontos, como o trabalho com a educação, a atuação nas Pastorais da Igrejas e pela participação ativa na vida em comunidade. É justamente a história desse sujeito coletivo, onde indivíduo e comunidade se confundem, que será narrada neste trabalho.

Cleonice Dias, ou apenas Cléo, é uma das mulheres narradoras que participam, por meio do projeto do Dicionário, partilhando suas memórias pessoais. Completou 70

anos exatamente no dia em que estas linhas estavam sendo escritas³⁶, sua imagem pode ser vista na Figura 3, e é ela mesma quem aqui se apresenta:

Boa tarde a todos e todas. Eu sou Cleonice, da Cidade de Deus, hoje eu não moro lá, mas eu continuo vinculada. Hoje eu considero uma vinculação de forma secundária, porque eu tenho uma relação com algumas instituições e faço parte de outras, então já tô na fase do conselho. Mas eu já tive ativa e sou uma cidadã do mundo, avó, agora com 70 anos, pedagoga e professora com muito orgulho e militante dos movimentos sociais (NUNES, 2022).

Figura 3 - Cena do documentário “Domínio Público”.



Fonte: Domínio Público (2014).

Nascida em São João del Rei, nas Minas Gerais, sua vinda para o Rio de Janeiro se deu através de uma história de amor, quando conheceu na faculdade seu marido:

[...] foi amor à primeira vista, porque ele morava na Cidade de Deus, veio da Praia do Pinto, e eu, fruto do movimento da Teologia da Libertação, tinha a opção preferencial pelos pobres. [...] Então quando eu cheguei na Cidade de Deus eu conheci um ano de namoro por cartas, visita uma vez por mês, quando eu fui eu tive que esconder da minha família que morava lá.

Cleonice chegou ao Rio em 1975 e encontrou uma Cidade de Deus dividida, como ela mesma diz, em quatro áreas, pelas gerências do tráfico de drogas. Na época era proibida a livre circulação pelo território e seu primeiro vínculo com a comunidade se deu através da Igreja Católica com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), onde seu marido fora seminarista, não tendo seguido a vida sacerdotal por questões de

³⁶ 21 de julho de 2022.

saúde. Padre Dirceu, como era conhecido, era muito bem querido pela comunidade, o que facilitou a integração de Cleonice que ficou viúva após um ano e três meses após o casamento, tendo herdado o afeto que o marido inspirava.

Foi através das Comunidades Eclesiais de Base que Cleonice se reunia com outros moradores da CDD, discutia as questões da comunidade a partir da ótica da Teologia da Libertação e recebeu apoio após a morte do marido. Foi também nesse espaço que se chocavam a origem rural de Cleo com a realidade urbana dos vizinhos:

[...] a minha atuação foi um vexame no início, por exemplo, quando a gente discutiu a questão do lixo, eu vim com aquela ideia do interior de Minas Gerais, né. Você coloca o lixo no plástico, separa as coisas, e o pessoal, primeira frase que eu falei, o pessoal dava gargalhada, não esqueço. Eles tinham muita liberdade, o pessoal (RISOS) falava muito na cara, eu também não tava acostumada com isso, então eles riam muito e falavam: Aqui não tem coleta, aqui não tem lugar pra colocar, aqui a gente se não colocar na rua fica dentro de casa, vai dar bicho, varejeira, não sei o que. Então os moradores tanto me acolheram na ausência do meu marido, como me ensinaram a realidade, sabe (NUNES, 2022).

E nesse intercâmbio cultural Cléo fez sua “escola de aprendizagem da vida”, aprendendo com as diferenças entre ela e sua nova comunidade:

Então eu não era de muito escutar não, porque eu achava que eu sabia mais. Eu tive que aprender a ficar calada, eu ouvi na marra. Foi a primeira lição que a Cidade de Deus me deu. Você que chegou agora, estrangeira, tem que ouvir primeiro. Não dá pra falar porque você não sabe da nossa realidade. Então foi esse um grande aprendizado (NUNES, 2022).

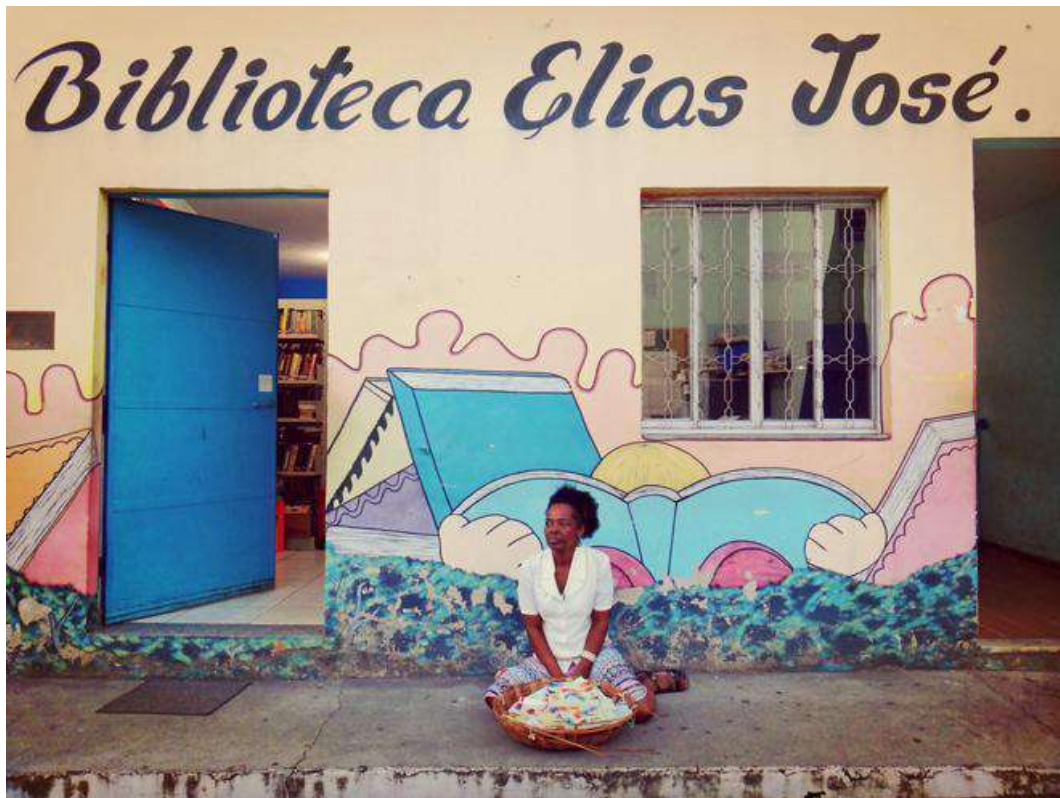
Logo a atuação de Cléo se expandiu para além das CEBs, formando novas articulações dentro da CDD. Ao acessar a justiça gratuita por conta de um inventário que estava fazendo, logo após a morte do marido, descobriu que sua casa e a casa de seus vizinhos na Praia do Pinto estava em nome da prefeitura e que eram propriedade da Companhia Estadual de Habitação do Rio de Janeiro (CEHAB).

Por causa disso eu consegui convencer os moradores da quadra a buscar outras quadras que estavam na mesma situação e buscar o Conselho de Moradores da Cidade de Deus. Aí eu saí do campo da Igreja e vou para o campo do movimento comunitário pra resolver um problema que era de quadra. E assim começa meu envolvimento nas outras lutas (NUNES, 2022).

Já Marilene Nunes é a segunda tecedora de memórias deste trabalho. Mulher negra, atriz, contadora de histórias, arte educadora e uma das guardiãs do Museu da Maré, como ilustra a Figura 4, ela mesma se apresenta:

Meu nome é Marilene Nunes, filha de Onofre e Luzia, Capixaba nascida em Mimoso do Sul no Espírito Santo, [tenho o] ensino médio, [sou] viúva e mãe de três filhos, duas meninas e um menino, todos já adultos, sou avó de dois netos, uma menina de 8 anos chamada Sophia Victória e Asafe Lucas de 3 anos (NUNES, 2022).

Figura 4 - Marilene Nunes em frente à Biblioteca Elias José.



Fonte: Museu da Maré.

A trajetória de Marilene, como a de Cleonice, também começa no campo. Filha de trabalhadores rurais, essa capixaba que se tornou mareense migra para o Rio de Janeiro com sua família, após a morte de seus avós maternos e de Seu Manoel, seu avô paterno:

Gosto de lembrar do avô Manoel, porque a primeira consoante do nome dele tem a ver com a história do meu nome e das minhas irmãs, meu pai quis prestar uma homenagem a ele e registrou assim as filhas: Maria, Marilene, Marlene e Marli, gosto de contar e lembrar dessa história. Minha avó paterna se chamava Josefina Simpliciana de Jesus, coincidência ou não a homenagem também foi feita a ela, pois os dois filhos homens receberam o nome de José e Jorgeci. RISOS (NUNES, 2022).

A família de Marilene se estabeleceu em Del Castilho, subúrbio do Rio, onde tinham parentes. Mas logo o pai Onofre passou a trabalhar na Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, o que fez com que ele se distanciasse cada vez mais

da esposa Luzia e dos filhos, até que se separaram. A situação ficou difícil para a família, Luzia tinha pouco estudo, “apenas um mês e vinte oito dias”, como sempre costumava afirmar, e foi trabalhar em casa de família como lavadeira e passadeira para sustentar os filhos, que eram ainda pequenos quando tudo isso aconteceu.

Marilene e sua família, assim como muitos moradores da Maré e da CDD, foram atingidas pela política de remoção das favelas, e a partir disso chegaram à Maré no século passado:

Em mil novecentos e alguma coisa aconteceu uma remoção e viemos morar na Maré, na comunidade Nova Holanda, lembro que chegamos num caminhão, minha mãe fez uma ficha na Fundação Leão XIII, recebeu uma chave e nos dirigimos para um conjunto de casas de madeira que chamávamos de Duplex, eram dois andares, cozinha, sala e banheiro embaixo e dois quartos em cima (NUNES, 2022).

A infância de Marilene na Maré era dividida entre brincadeiras e pequenos trabalhos. Como a comunidade ainda não tinha água encanada, a menina carregava latas d'água para abastecer tanto sua casa, quanto a casa dos vizinhos, sendo paga por isso pelos moradores. Catava tampinha de leite e vidros na lama para vender no ferro velho e o dinheiro que conseguia usava para ajudar sua mãe e comprar coisas para si. Uma dessas compras revela o racismo que atingia a menina: “[...] também comprava minhas coisinhas: henê pra passar no cabelo e vaselina pra esticar o mesmo com pente quente, pois nessa época muitas pessoas diziam que cabelo bom era o alisado e eu acreditava” (NUNES, 2022).

Apesar das dificuldades na infância, Marilene considera que foi uma criança que soube aproveitar o que a vida pôde lhe proporcionar. Ela lembra com carinho quando guardou dinheiro por um mês para comprar o perfume “Toque de Amor”: “[...]até hoje quando sinto o cheiro me vem na memória lembrança desse tempo” (NUNES, 2022). Ou das várias vezes que brincou de “pé na lata”, fato que a fez anos depois montar o brinquedo para colocar num dos espaços do Museu da Maré, o “Tempo da Criança”, onde está até hoje. Na juventude começou a trabalhar na Zona Sul como babá, na casa de uma pessoa indicada pelos patrões de sua mãe, quando teve contato com artistas e se interessou pelo teatro, chegando a tirar o registro de atriz.

Mas suas atuações foram se dar não nos palcos, mas nas contações de histórias que faz no Museu da Maré, na qual é co-fundadora:

Eu trabalhava numa creche chamada Pescador Albano Rosa (foi um importante pescador) aqui na Maré e Marielle Franco também, ela fazia o Pré-Vestibular comunitário no CEASM e um dia me disse: Sabia que vai ter uma oficina de contação de história no CEASM? Eu fui, fiz minha inscrição e foi assim que cheguei ao CEASM e depois no Museu. Hoje estou como coordenadora da Biblioteca Elias José e da Brinquedoteca Marielle Franco (NUNES, 2022).

3.3 A VIDA EM COMUNIDADE: É NO OUTRO QUE A GENTE SE ENCONTRA

A trajetória de Cleonice e Marilene é profundamente marcada pelo sentido de coletividade que elas trazem consigo, expresso através de suas falas e de suas ações no mundo, com os seus trabalhos, seus projetos, suas lutas sociais, etc. O conceito africano "Ubuntu", que pode ser traduzido como "Eu sou porque nós somos" e/ou "Eu só posso ser pessoa através de outras pessoas" é uma chave útil para compreender essas mulheres que rompem com a perspectiva do individualismo e da meritocracia, constitutivos da colonialidade.

Cleonice na sua entrevista traz marcadamente sua experiência como “sujeito coletivo”:

Tive meu curso de aperfeiçoamento, aprendizado e especialização na Cidade de Deus, então tudo o que eu sei e o meu entendimento de todos os conceitos, hoje, passam por um aprendizado coletivo na Cidade de Deus. Eu não sou sozinha. Eu sou um monte de gente que juntou para trabalhar junto e compreender a realidade, e estudar junto (NUNES, 2022).

Nesse sentido, é na vida comunitária que essas duas mulheres se encontram- a si mesmas e aos seus. É ao redor da mesa e no olho-no-olho, através do lazer, da religiosidade, do associativismo e da política, não necessariamente nessa ordem e de forma separada, que elas vivem suas experiências mais significativas e encontram uma existência plena de sentido. Cleonice traz, fruto da sua formação em pedagogia, a lembrança de Paulo Freire e a influência de sua metodologia na vivência na CDD:

Então meu vínculo na Cidade de Deus, nesse sentido, foi de fazer valer uma norma, uma norma não, um ponto da metodologia do Paulo Freire, né, o ser

mais no outro, sabe. Sempre reconhecer que o outro é capaz. Sempre, sempre, sempre. O outro é capaz, ele tem que assumir, se ele errar ele vai aprender com isso. Faz parte. O outro tem que assumir a responsabilidade, o direito da fala, da palavra (NUNES, 2022).

E nesse sentido de se encontrar no outro, Marilene narra com orgulho o reconhecimento das crianças da Maré por conta dos projetos educativos que participou na comunidade:

É muito boa e participativa de ambas as partes devido ao trabalho que sempre fiz com as crianças na Lona Cultural Herbert Viana, na Biblioteca Jorge Amado desde 2005 até 2009 alternando com o trabalho no Museu da Maré com as atividades nas escolas e isso me deu uma grande visibilidade na comunidade, sou reconhecida nas ruas como a tia da Lona e do Museu e isso é muito gratificante (NUNES, 2022).

Quando narra os períodos de lazer na sua juventude na Cidade de Deus, Cléo destaca a convivência pacífica entre moradores e traficantes, por conta desses serem crias da comunidade e possuírem laços de parentesco e amizade:

[...] passei pela alegria de ter samba na rua, sabe, de sexta feira ficar num bar, junto com outras pessoas, observando o samba, conheci de perto muito traficante que fazia sucesso, bonito, conheci o Valzinho de perto, e tal. Assim, que tinha essa convivência na comunidade porque nessa época o pessoal que comandava o tráfico era criado na área, todo mundo conhecia a mãe, a família, eles iam no baile, sabe, todo mundo tinha aquela reverência, né. Eu também tava lá, gostava de mocotó (RISOS) gosto dessas coisas, então participava. Tinha teatro na Cidade e participava. Tinha discussão do Movimento Negro com o pessoal do Agbara Dudu, lá de Madureira, que ia fazer show e depois debate político, eu também participava [...] (NUNES, 2022).

A religiosidade é um componente presente na trajetória de ambas as nossas tecedoras de memórias, especialmente por estar ligada fortemente à sociabilidade e também à luta política e social, através das Comunidades Eclesiais de Base e das Pastorais, que eram espaços que reuniam os moradores e era uma oportunidade de dar vasão e compartilhar os problemas da comunidade, fazer denúncias e de forma coletiva pautar saídas e soluções. Marilene é católica da Paróquia Jesus de Nazaré e vice coordenadora da Pastoral da Liturgia. Já Cléo, que também é católica, diz: "Sabe quantos afilhados eu tenho na Cidade de Deus, por causa da religião? Eu tenho 28 afilhados de crisma e de batismo e tenho 16 de casamento, sabe. Então eu tenho muita comadre, muito compadre..." (NUNES, 2022)..

A atuação política e social no território também aparece em ambas as falas, embora de formas diferentes. Marilene rechaça a participação na política institucional, mas

traz sua atuação com o Museu da Maré e a preservação da memória da sua comunidade para ilustrar sua mobilização social:

Não me envolvo e nem quero nada com política, mas admiro e respeito quem quase consegue cumprir toda sua trajetória e planos de trabalho no decorrer de seu mandato.

Acho que a partir do momento em que me juntei com um grupo de moradores de uma favela e pensamos na criação de um Museu pra contar, preservar e guardar a história desse povo, foi uma mobilização. Lembro que antes de existir o Museu eu e mais algumas pessoas nos reunimos com lideranças e moradores mais antigos da Maré e falamos da iniciativa de criamos um Museu e eles ficaram de acordo, nesse dia eu participei de uma mobilização social (NUNES, 2022).

Já na trajetória de Cleonice, a atuação social e política se confundem e é um fator fortemente presente desde sua chegada à CDD. Sua narração traz uma visão sobre política de forma gregária e comunitária, onde não pode faltar afeto:

[...] a minha militância, ela vem de uma convivência assim, de bater papo, de saber das pessoas, sabe, de tomar cafezinho, de ir, de fazer comida boa na minha casa e os vizinhos virem comer. Tinha uma macarronada que eu fazia às vezes, uma vez por mês, que era um negócio assim, era uma mistura, o pessoal adorava. Os meus vizinhos iam todos para a minha casa (RISOS) pra gente comer junto (NUNES, 2022).

Cléo participou de movimentos de associativismo de forma muito intensa, tão intensa quanto sua convivência comunitária com os vizinhos. Aliás, sua narrativa denota que vivia essas diferentes dimensões da vida de forma holística e fluida. Mas essa atuação logo extrapolou os movimentos de base, chegando à política institucional:

Então, aí eu descobri o partido político, que a luta comunitária naquela época que era só de denúncia, não era o suficiente para as repostas que a gente precisava, e aí também me filiei ao PT, na época, mas aí já é em 82, então me filiei em 82 e vivia essa luta, sabe, mãe, dona de casa, a igreja católica, Teologia da Libertação, militante na Cidade de Deus [...] Então assim, eu tinha muita experiência em vários níveis de militância [...] (NUNES, 2022).

Já a narrativa de Marilene traz sua atuação política através dos vários projetos de cultura aos quais faz parte na Maré, revelando seu vínculo com a educação através da arte:

[Sou] Có-Fundadora do Museu da Maré, na função de coordenadora da Biblioteca Elias José e Brinquedoteca Marielle Franco, Mestre Griô, contadora de História, coordenadora do grupo "Maré de Histórias", atriz, pesquisadora local, arte educadora e atuação efetiva do Educativo do Museu (NUNES, 2022).

Ao analisar a realidade das favelas, Marilene e Cleonice destacam a desigualdade presente nos territórios:

São [...] territórios em lugares diferentes mas que sofrem as mesmas desigualdades, têm as mesmas faltas de políticas públicas e sofrem as mesmas violências e descaso do poder dos nossos governantes (NUNES, 2022).

Contudo, apesar das desigualdades, não deixam de ter esperança nos seus companheiros e companheiras de vida e apostam na força da resistência:

Sabia que eu não tenho medo de andar na Cidade de Deus? Eu não tenho medo de andar nas favelas? [...] Não tenho medo porque eu sei a trama de resistência, de força, de vigor, de garra das pessoas, o quanto os trabalhadores têm que lutar pra viver com dignidade, o quanto a juventude sofre de discriminação, sabe, o quanto são explorados nos subempregos, nesses projetos todos que dizem que tão dando chance aos jovens, mas que estão explorando. É o mesmo capitalismo, sabe, é o mesmo capitalismo, que vai atuando de acordo com a resistência (RISOS). Quanto menos resistência, mais submete (NUNES, 2022).

E por fim, Cléo encerra destacando a importância da memória para as lutas e resistências nas favelas:

Se eu não tivesse esse olhar na memória, eu não teria essa consciência hoje, entendeu. Então assim, é fundamental, eu acho fundamental a memória de todas as favelas, porque embora seja o mesmo capitalismo, o mesmo neoliberalismo, as mesmas forças que produzem as iniquidades, é a mesma desigualdade, cada uma tem uma história diferente, tem um DNA diferente. De acordo com o jeito que a gente enfrenta, você dá substância à luta ou não, certo. Se você reproduz durante muitos anos sem perguntar o que a gente tá fazendo, você atrasa o processo. É isso (NUNES, 2022).

CONCLUSÃO

Esse trabalho se inicia, no capítulo 1, narrando a violência colonial do epistemicídio sobre os povos indígenas e africanos, que se reproduziu no Brasil através do monopólio sobre o conhecimento, exercido pelas universidades ocidentalizadas, deslegitimando todo e qualquer saber popular oriundo das favelas, das periferias, dos quilombos e das aldeias indígenas. Para comprovar o racismo e a irracionalidade desse pensamento, foram utilizados pensadores renomados da academia, com seus livros e teses como referência bibliográfica deste trabalho.

Contudo, foi através da oralidade de Cleonice e Marilene, duas pensadoras orgânicas de favela que falam não a partir da academia, mas de seus territórios e suas vivências, que pode-se demonstrar mais claramente a importância da diversidade de epistemologias e formas de existência para a rede global de conhecimentos e a teia da vida. A partir de suas memórias, fortemente vinculadas às suas comunidades, é possível aprender práticas de existência e saberes que vão na contramão da lógica colonial.

Cleonice nos traz seus ensinamentos sobre a escuta profunda, sobre uma forma de fazer política pautada pelo afeto e a valorização comunitária e nos conta sobre uma Cidade de Deus para além do retrato habitual e enviesado da violência e da pobreza. E só o faz porque possui um olhar sensível e um espírito genuinamente aprendiz, de quem valoriza tanto o saber de Paulo Freire, quanto o saber de seus companheiros e companheiras das lutas sociais da CDD, e por conta disso consegue enxergar mais longe.

Marilene compartilha conosco seu talento de tecedora de memórias para nos trazer as histórias da Maré, que são suas também. Usa do seu talento artístico com o teatro para compartilhar as histórias dos moradores mais velhos da Maré com a nova geração, costurando assim o passado e o presente. É uma das guardiãs do Museu do Maré, mas esse papel não impede que seja uma brincante na vida, ensinando o valor do lúdico e do sonho para a existência.

É inspirado por essa riqueza de memórias e saberes que o Dicionário de Favelas Marielle Franco, consciente de suas limitações e desafios, se coloca como uma das tecnologias a serviço da preservação desse patrimônio imaterial e do fortalecimento dessas comunidades. Sendo também um espaço onde o saber acadêmico e o saber popular se encontram, em pé de igualdade, permitindo a possibilidade de diálogos e trocas frutíferas para a rede de saberes sobre as favelas e periferias.

A escolha neste trabalho por contar as histórias das favelas e seus moradores não apenas pela ótica da tragédia, mas trazendo as conquistas, o afeto e a solidariedade dos moradores, as lutas e resistências, etc. é uma opção política por dar espaço a outras narrativas possíveis, que não retratem apenas a morte, mas sobretudo a vida que pulsa nas comunidades e seus moradores. Trazer os elementos positivos que constituem o povo da favela, e conseqüentemente o povo brasileiro, como a alegria da celebração, a festa, o batuque, o jongo, o carnaval e o afeto é mostrar, como bem disse Cleonice, que isso também é resistência: a resistência da vida contra a morte.

E celebrar a vida é fundamental numa quadra histórica marcada por doenças e mortes. Esse trabalho foi produzido durante a pandemia do coronavírus, fazendo com que todo o processo, inclusive as entrevistas, fossem realizados de modo remoto. O fato de não estar nos corredores efervescentes da universidade fez com que a partilha desse processo, na sua dimensão criativa e também emocional, fosse afetado. Senti falta das amigas e dos ritos sociais, como tomar um café e contar as ideias do TCC. Mas apesar disso, a realidade virtual abriu novas possibilidades, como a gravação das entrevistas por chamadas em vídeo, sem a necessidade de um equipamento específico para isso.

Nesse momento de crise humanitária global, tornam-se insustentáveis as formas de existência atuais, acirrando não apenas os genocídios de saberes, mas também o genocídio de vidas nas favelas, periferias e outras comunidades vulneráveis pelo Brasil e o mundo. Diante disso, é fundamental as iniciativas que dêem visibilidade para outras experiências de vida e de saberes, ultrapassando a lógica colonial da individualidade e fortalecendo o senso de coletividade. Este fortalecimento passa necessariamente pela tomada de consciência da memória ancestral dos territórios e

dos povos, processo que revela potencialidades e permite pensar novos caminhos para um outro futuro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa.** In: Semana de História do Pontal e Encontro de Ensino de História, 3 e IV. Ituiutaba: UFU, 2016. Anais... Disponível em: <<http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantodeoliveiraalves.pdf>>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CIDADE de Deus (favela). **WikiFavelas**, 2020. Disponível em: <[https://wikifavelas.com.br/index.php/Cidade_de_Deus_\(favela\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Cidade_de_Deus_(favela))>. Acesso em: 23 de julho de 2022.

ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, Sala de reunião. **Ata da Reunião do Dicionário de Favelas Marielle Franco sobre o Grupo de Trabalho de Estado e Mercado realizada no dia 25 de setembro de 2017.**

FIRMINO, Antônio Carlos. **Varal de lembranças.** WikiFavelas, 2020. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Varal_de_lembran%C3%A7as>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

FLEURY, Sonia *et al.* **O Dicionário de Favelas Marielle Franco e a descolonização do conhecimento.** In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 32., 2020. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Dicion%C3%A1rio_de_Favelas_Marielle_Franco_e_a_Descoloniza%C3%A7%C3%A3o_do_Conhecimento>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco e GONDAR, Jô (Orgs.). **Por que memória social?** Revista Morpheus — Estudos Interdisciplinares em Memória Social, v.9, n. 15, 2016.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Rio de Janeiro, Vertice, 1990.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167- 212.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NUNES, Gabriel. **Marilene Nunes, a griô da Maré**. WikiFavelas, 2022. Disponível em:
<https://wikifavelas.com.br/index.php/Marilene_Nunes,_a_gri%C3%B4_da_Mar%C3%A9>. Acesso em: 23 de julho de 2022.

NUNES, Gabriel. **Cleonice Dias, a aprendiz da Cidade de Deus (entrevista)**. WikiFavelas, 2022. Disponível em:
<[https://wikifavelas.com.br/index.php/Cleonice_Dias,_a_aprendiz_da_Cidade_de_Deus_\(entrevista\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Cleonice_Dias,_a_aprendiz_da_Cidade_de_Deus_(entrevista))>. Acesso em: 23 de julho de 2022.

OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS. O que é favela, afinal? *In*: SOUZA E SILVA, Jailson de. O que é favela, afinal? Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2009, p. 21-23."

REDES DA MARÉ. **Censo Populacional da Maré**. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. Complexo da Maré. **WikiFavelas**, 2020. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo_da_Mar%C3%A9>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

SILVA, Thais Gomes da. “COMBINARAM DE NOS MATAR, MAS NÓS COMBINAMOS DE NÃO MORRER”: a memória como ferramenta de manutenção da vida. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021.

VEN, Michel Marie Le; FARIA, Érika de; MOTTA, Miriam Hermeto de Sá.. História Oral de vida. O Instante da entrevista. *In*: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. (Org.). **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1997. p.213-222.
PORTELLI, Alessandro. **História Oral como gênero**. Projeto História. São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun. 2001.

VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ. **33º Aniversário do ICICT/Fiocruz Lançamento do Dicionário de Favelas Marielle Franco**. YouTube, 16 de abril de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uU-f9soXds4>>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ. **O Direito à Memória nas Favelas em tempos pandêmicos**. YouTube, 27 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hZVTjr726mw>>. Acesso em: 22 de julho de 2022.